

Eu tinha treze anos quando fomos para as serras; a tal viagem da minha vida. Subo a estrada, e as matas descortinam o mar de morros, um tsunami congelado no tempo; chego no chalé à noite e só pela manhã abro a janela, então descubro que no quintal há uma cachoeira; tomo chocolate quente numa noite fresca de luzes douradas.

Enquanto amontoos meus anos de vida num armário, guardo essas imagens no bolso; já são como fotos desbotadas, de tanto que recorro a elas. Quando estou cansada de lembrar, penso que nostalgia é ilusão. A estupidez de repetir a música, querendo ouvi-la pela primeira vez. Sinto como se a rotina cobrisse o mundo com um grosso véu de desatenção, e a felicidade fosse um furo nesse véu. Nesse instante de vida, nesse centímetro de transcendência, o mundo não é mais opaco; na verdade, é tão brilhante que escancara as retinas; é olhar direto pro sol. Daí que nostalgia é a retina machucada depois do deslumbre; tão machucada, tão deslumbrada, que não consegue enxergar os novos furos no véu.

De uns tempos pra cá, venho aprendendo a arte de buscar furos. Encontrei alguns, nas cigarras que rasgam a tarde com suas vozes de metal, nas nuvens que são montanhas no céu, nas árvores que, diante da lua, vestem ela de rendinhas com seus galhos e folhas. Estou aprendendo a arte de encontrar furos no véu, e agora meus olhos enxergam bem na claridade.